

# DOCUMENTÁRIO

---

## UM DOS PRIMEIROS DOCUMENTOS SÔBRE O ENGENHO DOS SCHETZ EM SÃO VICENTE.

---

*EDDY STOLS*

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília  
(Estado de São Paulo).

### I. — *Introdução.*

Contagiado pelo interêsse e pelas esperanças, que entre os historiadores brasileiros levantam o engenho São Jorge dos Erasmos e a documentação da família Schetz, aproveitei uma recente viagem a Bélgica para uma rápida pesquisa nos *Archives Généraux du Royaume* em Bruxelas (1). Quase de imediato, graças ao nôvo catálogo especializado sôbre “as coisas da América” (2), topei com um documento assaz revelador para ser apresentado aqui, isoladamente. Preliminarmente, queria tecer umas considerações gerais sôbre a documentação dos Schetz, pois não podemos mais contentar-nos com achados esporádicos. E’ preciso estabelecer um plano de trabalho, mesmo que êle exija os esforços de vários pesquisadores e nesse sentido queria fazer algumas observações quanto à orientação das pesquisas em arquivos europeus.

De início, deve-se ampliar o campo de pesquisas sôbre o específico engenho dos Erasmos em São Vicente para o conjunto das emprêsas comerciais da família Schetz e seus congêneres na Península Ibérica e no ultramar. Isto não só para ter maiores chances de descobrir material referente ao Brasil — pois deve haver muitas referências espalhadas por aí —, mas porque é indispensável situar a compra e a exploração de um dos primeiros engenhos de açúcar na América por um comerciante antuerpiano em relação à problemática geral do capitalismo comercial como por exemplo a visão antuerpiana

---

(1). — M. R. DA CUNHA RODRIGUES, *O Engenho São Jorge dos Erasmos. Estado atual do problema da preservação das ruínas e considerações sôbre a documentação dos arquivos belgas*, in *Revista de História*, São Paulo, 1957 n. 71, p. 229-297.

(2). — L. LIAGRE e J. BAERTEN, *Guide des sources de l'histoire d'Amérique Latine conservées en Belgique*, Bruxelas, 1967.

dos descobrimentos e a experiência flamenga nos seus empreendimentos açucareiros nas Ilhas Canárias, o investimento imobiliário e a técnica empresária no ultramar ou ainda o êxito do açúcar brasileiro no mercado antuerpiano em prejuízo daquêlê da Madeira ou de São Tomé. De certa maneira, necessitamos de um estudo diagonal da Casa Schetz como já existem outros sôbre os Fuggers ou os Ruiz.

Evidentemente, isto acarreta uma pesada ampliação do campo de pesquisas. Nos *Archives Généraux du Royaume* em Bruxelas entram, então, em nossa mira não só o próprio fundo familiar dos Schetz como também o fundo da *Chambre des Comptes*, que agrega registros portuários e contas de taxas alfandegárias que devem por certo, revelar o movimento comercial de Erasmo e Gaspar Schetz, ou ainda o fundo dos Jesuítas, coniventes com a segunda e a terceira geração dos Schetz. Aliás, quanto aos Jesuítas e ao Brasil quinhenista o padre Serafim Leite examinou os manuscritos da Biblioteca Real e daquela dos Bolandistas, mas restam para examinar os papéis dos Jesuítas da província belga em suas outras casas residenciais, mormente em Antuérpia, não esquecendo o importante centro jesuítico do Douay, ora integrado em território francês. Outrossim têm os *Archives Généraux du Royaume* vários depósitos provinciais em Antuérpia, em Gand, onde muitos documentos estão dispersos e, geralmente, esquecidos pelos pesquisadores estrangeiros.

No entanto, é, indubitavelmente, o Arquivo Municipal de Antuérpia que pode levantar a maior expectativa. Conserva êste arquivo, exemplarmente organizado, várias coleções que registraram o pulso comercial de Antuérpia: *Certificatieboeken*, *Requestboeken* e sobretudo o riquíssimo *Insolvente Boedelkamer*, depósito da documentação de inúmeros comerciantes falidos. Já verifiquei, no índice geral publicado por J. Denucé, a ausência de qualquer referência direta aos Schetz (3). Mas é prudente examinar peça por peça os papéis deixados pelos Affaitadi, grandes negociantes italianos com escritórios tanto em Antuérpia como em Lisboa e que nas suas importantes transações açucareiras tiveram freqüentes contatos não só com os Schetz — por sinal seus parentes através do casamento da viúva de Jehan-Carlo de Affaitadi com Baltasar Schetz — como também com os Cavalcanti e os Giraldi, igualmente interessados no comércio brasileiro (4). E' ainda a presença de um feitor italiano

(3). — J. DENUCÉ, *De Insolventé Boedelskamer*, in *Antwerpsch Archievenblad*, 1927-1933.

(4). — J. DENUCÉ, *Italiaansche koopmansgeslachten te Antwerpen in de XVIIe-XVIIIe eeuwen*, Amsterdão-Malinas, s. d., p. 57-105; J. DENUCÉ, *Inventaire des Affaitadi, banquiers italiens à Anvers, de l'année 1568*, in *Collection de documents pour l'histoire du commerce*, t. 1, Antuérpia, 1934.

em São Vicente, João Batista Maglio, que me faz acreditar na conexão entre os Schetz e os comerciantes italianos. Ao lado dos Afaitadi existem ainda vários outros inventários de falidos a serem percorridos minuciosamente, não só a procura dos Schetz como também de seus associados como os Pruynen, os Van Hilst ou os Vleminckx (5).

Caso estas pesquisas se revelassem infrutíferas, deve-se recorrer aos arquivos notariais. J. Strieder já publicou uma primeira coletânea de atas notárias, cheias de surpresas em relação aos empreendimentos ultramarinos dos comerciantes antuerpianos (6). Mas seu trabalho está longe de ter esgotado as abundantes séries e na verdade pode-se encarar aqui apenas umas sondagens ou então um largo e penoso trabalho de equipe.

Finalmente, o caráter realmente internacional da firma Schetz obriga a não limitar as pesquisas aos arquivos da atual Bélgica e sim a prosseguí-las em arquivos holandeses — diga-se de passagem que êstes, sobretudo nos seus depósitos municipais e provinciais, nunca foram até agora devidamente e sistematicamente investigados quanto à sua inevitável documentação brasileira —, franceses (por exemplo Ruão que na segunda metade do século XVI servia de pôrto de expedição para os comerciantes antuerpianos), portugueses e outros.

Por enquanto, eis aqui um documento, de oito páginas, incompleto, numa escritura bem regular, sem indicação de autor ou de destinatário, tratando-se provavelmente da cópia de uma carta original, recebida, esta, em Lisboa por um dos representantes dos Schetz e transmitida, aquela, à título de informação para o escritório central em Antuérpia. Para a identificação do autor avançam-se as seguintes evidências: era êle flamengo, com conhecimentos de português, especialmente de um vocabulário técnico, recém-chegado ao Brasil, mas entendido na indústria e no comércio açucareiro, excluindo-se o próprio feitor, Pedro Rouzée, repetidamente mencionado no documento e ainda João Baptista Maglio, João Martins, Paulo Werner ou Jeronymo Maio, pois todos chegaram mais tarde. Dificilmente pode tratar-se de João Van Hilst, uma vez que êste estava muito mais familiarizado e diretamente interessado, havia então mais de uma década; antes teria êle sido o destinatário, já que residia em Lisboa. Presume-se que Heliodoro Eobano, amigo de Gaspar Schetz e, posteriormente, feitor dos Adornos, embarcou por volta de 1548 para São Vicente, mas será possível que êste jovem humanista se tornasse

---

(5). — No começo do século XVII viveu sucessivamente em Valladolid e Madrid Maximiliano Van Hilst, financista na Corte de Felipe III.

(6). — J. STRIEDER, *Aus Antwerpen Notariatsarchiven*, Leipzig, 1930.

tão logo um bom conhecedor dos engenhos e escrevesse um flamengo sem germanismos? (7).

Quanto ao conteúdo, o documento deixa-se interrogar tanto sobre a disposição das construções do engenho como sobre sua produção açucareira, além de oferecer várias referências de comparação no que toca à alimentação, o potencial de escravos, os salários e gastos de manutenção. Entretanto, sua significação mesma reside em que êle já em 1548 figura tôda a problemática da manutenção e do rendimento de um engenho na capitania de São Vicente, que no século seguinte seria, totalmente, superada pela produção açucareira de Pernambuco. O malôgro do engenho dos Schetz atribuiu-se, geralmente, a uma série de fatores um tanto quanto fortuitos desde o desinterêsse dos próprios Schetz na segunda e terceira geração, enobrecidos e ocupados em outras especulações, até a malversação da propriedade por feitores desonestos ou ainda as implicações das hostilidades entre espanhóis e holandeses como a interrupção das comunicações ou a destruição por Van Spilbergen.

A análise desta carta parece, entretanto, indicar que havia para tal malôgro razões mais profundamente econômicas. Os Schetz através do autor desta carta, pretendiam gerir sua propriedade dentro das normas mais racionais de um capitalismo escravocrata. Para um engenho, que moia a cana dos lavradores vizinhos, que empregava oficiais livres assalariados, que ainda subsidiariamente lucrava com a venda de mercadorias importadas, não havia condições de desenvolvimento. Pelo contrário, parecia-lhes indispensável que o engenho não só fôsse proprietário das maquinas como também da mão-de-obra, dos canaviais, do abastecimento, dos meios de produção em sua totalidade. Tal procedimento bastante racional, tal mentalidade capitalista, adquirida na Europa na exploração ds minas ou no domínio da produção textil, chocava-se na capitania de São Vicente com costumes e fôrças feudais transplantadas de Portugal e personificadas pelos "moradores", lavradores de partido (8). Êstes não só beneficiavam-se da moagem de sua cana no engenho, como também continuamente aumentaram suas terras às custas da propriedade dos Schetz, enquanto êstes não estavam em condições de exercer plenamente seus direitos feudais.

Um consciencioso feitor podia defender-se contra êstes abusos, se não pelo recurso a uma justiça inexistente, ou então pela violên-

---

(7). — F. SOMMER, *Os Schetz de Antuérpia e de S. Vicente*, in *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, 1943, t. 93, p. 79.

(8). — A. MARCHANT, *Feudal and Capitalistic Elements in the Portuguese Settlement of Brazil*, in *The Hispanic American Historical Review*, 1942, t. 22, p. 493-512;.

cia ou simplesmente pela compra de novas terras. Foi o caso de Pedro Rouzée, que comprou terras de um tal Barigo, mencionado no documento, e que seguiu nos anos de 1550 a 1554 comprando de outros moradores como Pedro Leme ou Pedro Vicente (9).

No entanto, seus sucessores flamengos, italianos ou alemães, como aliás seus predecessores portugueses, não demonstraram o mesmo zelo, deixaram perder muitas terras nas mãos dos moradores. E é nisto que topamos com uma possível segunda explicação do malôgro, desta vez não de ordem puramente econômica, mas de ordem social. O feitor, aparentado ou associado, tinha sido um importante elemento no desenvolvimento das grandes casas de negócio italianas ou alemães em bases, predominantemente, familiares. Mas numa seguinte etapa de comercialismo mercantil, que começa com as guerras de religião, a iniciativa passou seja para as grandes companhias, seja para pequenas firmas individuais ou quando muito bicéfalas. Estas baseavam suas relações comerciais internacionais ou mesmo ultramarinas no sistema da correspondência, regido por um código moral de obrigações mútuas, com participação recíproca de capitais e com divisão de riscos e de responsabilidades. Aquelas se encaminhavam para uma burocratização total dentro de um mercantilismo estatal ou bélico. Dentro de ambos sistemas o feitor, tipo século XV ou primeira metade do século XVI, tinha perdido sua eficiência. Ora a firma Schetz da segunda metade do século XVI, ligada à estrutura de família e ainda de uma família em ascensão para a nobreza, poderia, dificilmente, adaptar-se a esta nova conjuntura de organização comercial e portanto devia desgastar sua tentativa de exploração capitalista no ultramar nas mãos de feitores, quase que necessariamente desonestos. Estas duas explicações ou, melhor, hipóteses de trabalho, de um lado a resistência de elementos feudais contra um empreendimento capitalista e de outro lado a superação do sistema de feitoria, quando, devidamente verificadas em documentação suplementar, mostrarão o porquê do malôgro do engenho dos Erasmos e, com êle, do declínio das plantações açucareiras em São Vicente.

A transcrição do documento foi feita segundo normas estabelecidas, ao passo que na tradução procurei seguir fielmente o texto flamengo sem forçá-lo, uma vez que várias passagens se prestam à interpretação dupla ou ficaram incompletas.

\* \* \*

---

(9). — J. P. LEITE CORDEIRO, *O Engenho de São Jorge dos Erasmos*, São Paulo, 1945, p. 29; P. TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME, *Nobiliarchia Paulistana Histórica e Genealógica*, editada por A. DE E. TAUNAY, São Paulo, 1953, t. 2, p. 2 e t. 3, p. 11.

II. — *Texto.*

Laus Deo anno 1548, ade 13 mayo in Santos int  
eylant van San Vicente costa/de Brzil.

Mijnen gants willige dienst, eerbare ende zeer gusti/ge heeren,  
naer alle recommendacie zal U.1. believen/te weten hoe datt wij  
metter hulpen Gods hier wel/gearribeert behalven intt incomen in  
grooten perikel/ geweest mits hett schip bicans gezonken in deze  
ribiere/ende vele comescappen bedorven zijn alzoec oeck vande/  
cnzen waeraf oock een instrument zende, mer Gott/ hevett noch te  
besten duer zijn gracie brocht als/ U.1. mett de bringer van dezen  
wel vernemen zultt/.

Terst zal U.1. believen te weten hoe datt op datto noch/geen  
antwoordt van U.1. anttfangen mits een brief van/ Cabo Verdo,  
aen U.1. geremitteert hoepde per primeiro anttwoordt te/accepteren  
wantt allen dach verwachtende zijn hett/schip van Portugal datt  
voir de armadores bevracht, nielt/ tegenstaende datt hier gecomen  
is een schip van/ Martim Frera, hier aen Louis de Gois gekoemen om/  
zuiker te laeden, oock geen brief brocht en zegen datt/al de brieven  
over bortt geworpen en gelezen van den/feitor ende Joseppa Adoria,  
ende ons altezaemon mits al/raubauwen hier intt lant zijn en nielt te  
confieren/ en zijn. Aangaende van dezen lande zeer goett/ende  
gezontt sijn indien dalct volck goett ware ende/goede iusticie waere  
wantt op datto al mett raubauwerij/ omgaett en meesten deel  
degradados zijn ende mett borlos/ inde tijdt van betalinge omgaen,  
om comescappen/te vercoepen ist goett ende wel vercoepen mer te  
recaderen/ is hier trabalho, droms indien datter geen beter tidinge/  
per primeiro kompt zoe van justicie als van volck, hier/te tracteren  
en is anders nielt dan die hier een ingenio/hebben oft ander fazenda,  
wantt hier geen geltt om gaett/ende moett hier per forca een jaer  
borgen endde eer datt men/ betaelt wortt gevallt wel 2 jaer, 30 d'e  
hier een/ ingenio heeft, die betaeltt al die werckliedens in/ comes-  
cappen zo datt al hett zuiker datt men inden/ ingenics maectt  
machmen dan alle jaer laeden die/ geprobeert is van commescappen/.

Ende wij hier verscreven waren aen Pedro Rouzee, de welcke  
wij/ nielt zeer willecomme en waren ende tott noch ter/ tijtt luttel  
raett oft daett van hem hebben god heb loff/.

Voorts valt wennich op de gemelde commescappen te anttvoor-  
den/ allein aengaende oock U.1. declaracie van hett ingenio al hier  
overzien deze fazende is zeer goett mer de/ fiteiros pazados hebben  
hun eygen profijtt te zeer gesocht/ en veel lantz laten vergaen onder  
die moradoren handen/ alzoec datt Pedro Rouzee daer breeder en  
larger/ af avizeren zal ende alzoec in ander dingen die zich/noch  
beter dysmuleren zullen alser beter / justicie intt landt is, mits op  
datto al mett favor / thoe gaett U.1. fazende gegeven waer zeer  
tegen / is de feitor Pedro Rouzee an justicie te hebben hoepe / datt  
per primeiro beter tidinge hebben zullen /.

Aangaende van de huisinge al hier hebben zijn zeer goett ende /  
sterck voer de contrarios, wantt Pedro Rouzee veel gemact / sijnde

een huis van 6 lansen zeer groot is ende een / slaven huis mett een ferreria al die altemaal met / ballcartos dienen ende dan noch 2 huizen mett / tichels gedect zeer goett ende sterck als Bras de Rocha / gemaect heeft ende alle deze huizen staen op eenen / berch ende al tzamen ende kortt alzoe datt geen fazen / da zoe sterck voir de contrarios noch better huizen / en heeft in alle deze enginios alzoe datt men hem / mett 3 oft 4 berzen lichtelijck defenderen mach / mits dezen fetor wel geordineert heeft /.

Van hett engginio is oudtt ende staett om vallen ende moett / men deerste jaer gemaect worden datt radtt staett om / vallen hett is te leech ende hett watter onder blyft / staen, mits ende die marca somtijts inde levade / kompt datt grootte impisimento van malen is, alzoe/ moett opwaerts gegmudeertt zijn ende een schoen / gemaect worden mits int hangen vande berch staen zal / ende de feitor nielt beginnen voir hij tijdinge van U.1. / te hebben om te bezien hoe zij staen, mits veel / costen zal ende moett van tapias gemaect worden wantt / datt ewelick werck is, hett oudtt enginio heeft / ditt jaer wel van maken ende hermaken gecost meer dan / 100 cruzados, wantt heel gedestruweertt ende al nieu / gedect is van stroo, ende ditt jaer groot ongeluck / geweest van enginios, mits drij nieu int malen gemaect / zijn die intt oorzake van datt die agillions nielt agarderen / wilde alzoe datt veel tijts verloren hebbe oock sommige / moradores af gegaen zijn mits de tijt te spaede / viel voir deze enarquason als rede tijdt per marzo mer / noch tegen kosten koemen alzoe datt veel zuiker ge / maect alzoe van die fazende als moradores ende ander / luttel nin oft meer gemaect 900 aroben zuikers / waer af per Portugal gaen ontrent 400 aroben / voir de armadores ditt jaer gheen comescappen / gezonden en hebben aen de feitor om hett volck / te betalen per forca zuiker oft letra passeren moett / ende de feitor die passeert mij van goett datt ic / hem hier gedaen hebbe ende van traballadores die / hier betaelt hebbe passeert mij voir Antonio Becudo / om daer te recaderen de somma van 123.500 reis / de welck mij de feitor wel sommiige zuiker gegeven / mocht hebben gelijk hij ander liedens gedaen / heeft in zuiker mer dan 300 aroben betaelt / dezen enarquason ende de fazende ditt jaer veel / schuldich is geweest ende van mantamento hier groot / g:breck is ende die fazende in lange geen manta / mento van Portugal gehadt, ende hett vlees / datt ic mede brocht voir de fazende datt is altemaal / bedorven geweest van zeewater wantt wij nielt / vuytt de schepen costen gecrigen wantt wel 14 dagen intt / watter lach intt schip ende daer zo lange lach tott datt / hett schip al los was /.

Om hier fazende te onderhouden zo en machmen nielt be'er / hebben van mantamento te weten goett gezouten vlees ende / vis die daer gedroocht is van stocvis ende meer ander die / daer genoegh zijn van luttel prijs, en Vlemse kesen / en Hollantse kezen wantt deze trabalhadores van / deze mantamento geen macht en hebben ende hier an / ders nielt dan meel van houte gemalen ende daer /

thoe spise is altemett een stuck gezouten vis alster is / dus hope per primeiro beter geprobeert comen zal /.

Aengaende van de escraverias als hier hebbe is zeer / goett ende ontrent 130 stukken alzo machos ende femias /, welck de helft nielt de trabalho, mits mett / kinderen ende outt die nielt profitellick zijn ende geen / better slaverije intt landtt mits veel escravos / zijn die officie intt enginio hebben, als tache / ros ende caldereros, ende oock negros van Genea / zijn oock 7 oft 8 datt altemael officiaes zijn / sijnde de eenen zwerten is meester vande zuiker datt / de Armadores plegen te geven eenen mcester van lismadere / 30.000 reis welck nu alle jaer excuzeren mogen ende / de zwerten beter zuiker nu gemaect heeft gelick / alst blijft bij hett zuicker datt de feitor nu daer zentt naer Lixbona /.

De tweeden is porgador des self gelyck die ander twee cal / dereros oock alle maentt 4 aroben zuikers profite / lijck, alzoed datt zeer wennick volck asolda intt enginio / hebben, ende veel escravos daterra datt ander enginios / nielt ende hebben ende moeten al zolda geven per homens / blanco, ende oock heeft deze fazenda noch / van node 6 oft 8 stukken machos die nielt excuzeren / nach wantor te wennich is mits geen asschen noch / carbon gemaken en kan opt jaer ende copen moeten / van die moradores dwelck tott grote costen belopen / ende ellick alqueiro tott 25 oft 30 reis per alqueiro wantt geen / meerder costen intt enginio beloopen dans assen mijns / bedonckens datt meer dan 40 oft 50 dukaten in gemelde / asschen gegasteertt hebbende deze escravos muegen al / die oncosten excuzeren ende zeer wel voer ewelick sijnde / ende alle dingen binnen huise te maken /.

Aengaende van de lande ende canneverais ist U.1. hier bij / de enginio hebben zij zeer goett ende schoen ende allen / dach vermeerderen en gerosseert worden tott cannos / te planten ditt jaer wel 32 terrefes van die / eygen lande gemaect beloopen luttel als / meer arobas 400 ende een canneveral oft 2 om te / malen tegen julio naestcomende hebbende doen planten / Pedro Rouzee mits maer een jaer oudtt en was ende / moeten hebben 17 oft 18 maenden tott hare tijtt om / te malen hopende datt tegen julio gescieden ende / oock sommige cannos van de vezinhos alzoed / datt tegen naestcomende jaer wel gereett hebben / zullen meer dan 1000 aroben zuikers luttel min / oft meer, ende oock zal mogen laden zo verre en anders / de fazende wel geprobeertt compt datt hij mett / hett zuicker nielt en derf betalen de werck / liedens, Pedro Rouzee die heeft hier gecocht / van een morador genaempt Barigo, een groot / schoon landtt weer wel gelegen is der fazende ende / mett veel cannos geplant wellick ditt jaer nielt / en termineertt te malen ditt wel bequame / koemen zal om te planten ende oock een penninck / excuzeren zal datt nielt heeft te coopen van / de moradores, alzo zeggen datt landtt heeft oock / een groote hutte van 2 lancen om daer 4 oft / 5 slaven in zijn die anders nielt dan rossa te / maken om mantamento voor de fazenda wennich rossas / heeft ende nielt excuzeren en mach zullich landtt / te hebben om haer selfs



mantamento te hebben want / zeer grote costen beloopē zouden  
coopen alle jaer van die / moradores, ende een pannekoē mandioqua  
zijn hier / wortelen van houtt, geltt 100 reis daer een perzoon / 3  
oft 4 dagen af eett, alzo die fazenda / zullich lande noch niēt  
excuzeren mach, doch die / lande van die moradores der fazende  
zeer wel / gelegen ende al meesten deel gerobeertt hebben ende /  
die feitores geallargeert hebben mits al Portugesen / onder de ande-  
ren geweest zijn, ende U.1. zeer wen / nich rechte geschiet is de  
overleden tijtt, alzo seggen / datt deze landen zeer lichtelijck weder  
te krijghen / zijn en oock dein datt de fazenda blijven zal /  
moeten alzulken landen hebben zal zij profijtt doen / wantt in  
geender maniere profijtt is die moradores / kannos te malen ende  
meer gasteert in asschen ende in solda te betalen de trabalhadores die  
inde / ingenio werken, alzoē seggen ist necessario zelve / zoe veel  
cannos te planten datt die vavn de mora / dores niēt van doene en  
hebben mits op datto / de feitor per forza hun landtt allgeren  
zullen oft / hett vier in hun canneverais steken, wantt in geen /  
ingenio gedragen en mogen dan in de fazenda ende dan / lichtelijck  
ende voer eenen penninck allgeren zouden / ende per forza alzoē  
doen moeten want grotte schade die moradores te malen is ende  
oock die ingenios /.

\* \*  
\* \*

### III. — Tradução.

Laus Deo, a 13 de maio de 1548 em Santos na ilha de  
São Vicente, costa do Brasil.

Meu serviço todo benévolo! honrosos e muito generosos senho-  
res. Com tôda a recomendação queiram Vocês saber como, com a  
ajuda de Deus, nós chegamos bem aqui, embora que na entrada  
passamos grande perigo, pois nosso navio quase afundou nesta ri-  
beira. Muitas mercadorias se estragaram, inclusive das nossas, das  
quais mando uma relação. Felizmente Deus ainda o levou para o  
melhor, como virão a saber através do portador desta.

Primeiro queiram saber como nesta data ainda não recebi res-  
posta sua sôbre uma carta remetida a vocês de Cabo Verde. Espero  
recebê-la logo, pois estamos aguardando cada dia o navio de Portu-  
gal, que vem fretado pelos armadores (10) e que até hoje não che-  
gou. Embora tenha chegado aqui um navio de Martim Frera (11)

- 
- (10). — Provavelmente os acionistas do engenho, os Schetz e João Van Hilst, dos  
quais fala Frei Gaspar da Madre de Deus nas suas *Memórias para a histó-  
ria da Capitania de S. Vicente*, in *Biblioteca Histórica Paulista*, São Paulo,  
1953, t. 3, p. 87.
- (11). — Trata-se de Martim Ferreira, associado de Pedro de Góis, irmão de Luís  
de Góis. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, editado por C.  
MALHEIRO DIAS, Pôrto, 1924, t. 3, p. 262-263.

para Luís de Góis (12) para carregar açúcar e que também não trouxe cartas. Dizem que tôdas as cartas foram jogadas fora do navio e lidas pelo feitor e por Joseppa Adoria (13) e nós todos, pois são todos uns gatunos nesta terra e não se pode confiar neles. Quanto a esta terra, seria muito boa e sadia, se o povo fôsse bom e se tivesse boa justiça, porque até agora tudo se faz com malandragem e são pela maior parte degredados e só praticam burla na hora do pagamento. É boa para tratar em mercadorias e vendem bem, mas cobrar é que dá trabalho. Portanto se não vem logo melhores tempos no tocante ao povoamento como à justiça, não tem aqui de que comerciar a não ser para aquêles que tem um engenho ou outra fazenda. Pois aqui não tem circulação de dinheiro e deve-se por fôrça dar fiado por um ano e até ser pago passam bem dois anos. De maneira que aquêles que tem aqui um engenho, paga todos seus trabalhadores em mercadorias e, provido de mercadorias, êle pode carregar todo ano todo o açúcar produzido no engenho.

Nós fomos aqui recomendados a Pedro Rouzée (13), para o qual não fomos muito bemvindos e até agora tivemos dêle pouco conselho ou ajuda, louvado seja o senhor.

No mais tem pouco a responder sôbre as mercadorias relacionadas, só a respeito de sua declaração sôbre o engenho, que foi aqui tôda verificada. Esta fazenda é muito boa mas os feitores passados procuraram demasiadamente sua própria vantagem e deixaram perder-se muita terra entre as mãos dos moradores. No tocante a isso Pedro Rouzée dará mais amplo e largo aviso, como também de outras coisas que ainda se dissimularam melhor, quando terá melhor justiça no país, porque nesta data em tudo se procede com favores. Fazenda sua foi cedida, ao que o feitor Pedro Rouzée se opõe para conseguir justiça (14). Espero que em breve teremos melhores notícias.

Quanto ao casario todo êle que temos aqui é muito bom e forte para os contrários (15). Porque Pedro Rouzée fêz muito, a saber uma casa muito grande de 6 lanços e uma senzala com uma ferraria, tôdas providas com baluartes, e ainda duas casas cobertas de telhas, muito boas e fortes, tais como fêz Bras de Rocha. Tôdas estas casas se erguem numa altura e tôdas juntas e próximas de maneira que nenhuma fazenda seja tão forte para os contrários, nem tenha melhores casas em todos êstes engenhos. Daí que se pode defendê-lo fâcilmente com 3 ou 4 berços (16). Pois êste feitor ordenou bem.

- 
- (12). — Giuseppe ou José Adorno, genovês, proprietário do engenho São João em São Vicente. H. STADEN, *Viagem ao Brasil*, Salvador, 1955, p. 84; S. LEITE, *Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil*, São Paulo, 1953, t. 3, p. 1.
- (13). — Pedro Rouzée, aliás Peter Roesel. No começo do século XVII havia em Lisboa dois mercadores Rouzée, originários da Artésia.
- (14). — Não está claro se Rouzée se opunha à cessão das terras ou ao recurso na justiça.
- (15). — Os contrários podiam ser os índios ou os franceses.
- (16). — Pequena artilharia.

Quanto ao engenho, é velho e está para cair e deve ser refeito neste primeiro ano. A roda está para cair, fica arriada demais e a água submerge-a, pois a maré entra às vezes na levada, o que dá grande impedimento para a moagem. Daí que deve ser mudado para cima e deve ser feito um bom que ficará na descida da colina.

O feitor não pode começar antes de receber notícias de vocês para ver como estão. Pois custará muito e deve ser feito de taipa, porque é obra eterna. O velho engenho custou este ano de feito e de reparação mais de cem cruzados, porque estava todo destruído e foi todo recoberto de palha. Este ano deu grande azar nos eixos pois três foram refeitos na moagem, isso porque os agulhões não suportavam.

Assim perdeu-se muito tempo e também alguns moradores foram embora, porque o tempo não dava para esta embarcação, como já é tempo por volta de março. Entretanto, ainda puderam ficar prontos, de maneira que se fez muito açúcar tanto da fazenda como dos moradores e outros, mais ou menos novecentas arrôbas de açúcar, das quais aproximadamente quatrocentas vão para Portugal para os armadores.

Este ano não mandaram mercadorias ao feitor para pagar o pessoal e este deve por força passar açúcar ou letra. O feitor me passa de avanço que lhe fiz e dos trabalhos que paguei aqui a soma de 123.500 réis perante Antonio Becudo (17) para cobrar lá. O feitor poderia bem me ter dado algum açúcar como fez para outros com mais de trezentas arrôbas nesta embarcação. A fazenda teve muitas dívidas este ano. Aqui tem grande falta de mantimentos e não recebeu-se de há muito mantimentos de Portugal. A carne que eu trouxe para a fazenda ficou toda estragada pela água do mar, pois não conseguimos tirá-la dos navios e permaneceu na água dentro do navio, até que este ficasse solto.

Para manter aqui a fazenda não se pode ter melhor em mantimentos do que a saber carne salgada e peixe, que se seca lá de bacalhau e de outros peixes que se tem lá em abundância a baixo preço, e queijos flamengos e queijos holandeses. Pois os trabalhadores não tem forças destes mantimentos de aqui e não tem outra coisa que farinha moída de madeira e às vezes acompanha isso um pedaço de peixe salgado, quando tiver. Assim espero que logo virá melhor provimento.

Quanto às escravarias que temos aqui, são muito boas e de aproximadamente cento e trinta peças, tanto de machos como de fêmeas, das quais a metade não trabalha pois são crianças e velhos que não são aproveitáveis. No país não existe melhor escravaria, porque muitos escravos tem ofício no engenho como tacheiros e cal-

---

(17). — Seria êle o Antônio Bicudo Carneiro, mencionado por P. TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME, *Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica*, São Paulo, 1953, t; 3, p. 171?

dereiros. Também tem negros de Guiné, sete ou oito. São todos oficiais, a saber: um prêto que é mestre de açúcar, pelo qual os armadores costumam dar a um mestre de lismadere (18) 30.000 réis (19), o que agora pode-se cada ano economizar, e o prêto tem feito agora melhor açúcar como parece pelo açúcar que o feitor manda agora para Lisboa.

O segundo é purgador e tal como os dois outros, caldeireiros, dão também vantagem de quatro arrôbas de açúcar cada mês. Assim temos muito pouco pessoal a sôlido no engenho e muitos escravos da terra que outros engenhos não tem e devem dar todo o sôlido para homens brancos. Também tem esta fazenda ainda necessidade de seis ou oito peças de machos, que não se pode dispensar, porque faltam. Pois não se chega a fazer num ano suficientes cinzas e carvão e deve-se comprá-los dos moradores, o que traz grande despesa a 25 ou 30 réis por alqueire. Por isso que não montam maiores despesas num engenho do que em cinzas. Ao que me parece gastaram-se mais de 40 ou 50 ducados nas cinzas mencionadas. Estes escravos podem eliminar tais gastos e estão lá para muito tempo e para fazer tôdas as coisas dentro da casa.

Quanto às terras e aos canaviais saibam vocês que o engenho tem-nos muito bons e bonitos e aumentam cada dia e são derrubados para plantar cana. Este ano foram feitas umas trinta e duas tarefas (20) nas terras da propriedade que dão mais ou menos quatrocentas arrôbas. Pedro Rouzée fez mais plantar um ou dois canaviais para moagem em julho vindouro, pois tinham só um ano e devem ter dezessete ou dezoito meses para seu tempo de moagem, o qual, espera-se, será em julho. Mais alguma cana dos vizinhos de maneira que para o próximo ano terão prontas mais de mil arrôbas de açúcar, pouco mais ou menos. Poderão ser carregadas desde que a fazenda seja bem provida e ele não deva pagar os trabalhadores com açúcar. Pedro Rouzée compru aqui de um morador chamado Barigo uma grande e boa terra bem situada em relação à fazenda e plantada de muita cana. Este ano ainda não aprontará para moagem mas ficará capaz para plantar e também economizará um tostão com aquilo que não se deverá comprar dos moradores. Também dizem que esta terra tem uma grande choça de dois lanços onde cabem quatro ou cinco escravos que não fariam outra coisa senão roças para os mantimentos da fazenda. Esta tem poucas roças e não pode dispensar tais terras para ter seus próprios mantimentos. Pois trariam grandes gastos, caso os comprassem cada ano dos moradores. Uma panqueca de mandiça, que são raízes de madeira,

---

(18). — Talvez da ilha Madeira.

(19). — Salário comparável com os 40.000 réis que recebia na Bahia um mestre de açúcar. E. PEREIRA, *Descreeção da fazenda que o Collegio de Santo Antônio tem no Brazil e de seus rendimentos*, in *Anaes do Museu Paulista*, 1931, t. 4, p. 787.

(20). — Uma tarefa é uma área de 4.365 m<sup>2</sup>. J. A. ANDREONI, *Cultura e opulência do Brasil*, São Paulo, 1967, p. 114.

vale 100 réis, com a qual uma pessoa come três ou quatro dias. De maneira que a fazenda ainda não pode dispensar tais terras. Mas as terras dos moradores são bem situadas em relação a fazenda e todas pela maior parte foram roubadas. Os feitores tem-nas alargado, pois foram eles todos uns portugueses entre si e a vocês foi feito muito pouca justiça no tempo passado. Mas dizem que as terras são facilmente recuperáveis e se a fazenda vai continuar, deve ter tais terras e levará vantagem, pois de maneira nenhuma é vantagem de moer a cana dos moradores e gasta-se mais com cinzas e com pagamento de sôlido aos trabalhadores que operam no engenho. Assim dizem que lhes é necessário plantar-se tanta cana que não se precisa daquela dos moradores. Pois nesta data o feitor alargará por força as terras deles ou colocará fogo nos seus canaviais. Porque eles não podem levar a cana para outro engenho senão para a fazenda e assim eles as alargariam facilmente e por pouco dinheiro e devem forçosamente fazer assim pois é de grande dano moer para os moradores e também os engenhos...